

Texto: Ana Maria de Carvalho Barbosa Teixeira
Ilustrações: Erico Gondim

Categoria
III



Texto: Ana Maria de Carvalho Barbosa Teixeira
Ilustrações: Erico Gondim



Dedico este livro aos criadores de histórias presentes na trajetória da minha vida. Aos familiares, amigos e alunos.





Esta é a história de um menino nordestino, sapeca e alegre nascido em Exu, cidade que fica no estado de Pernambuco, ao pé da Serra do Araripe, beirando as terras cearenses de Crato e Juazeiro. Então, pode-se dizer que o menino era sapeca, nordestino, alegre e pernambucearense. Pernambucearense? Sim! Pois, ele era pernambucano de nascença e cearense de vivência.



BUA AHH!

O menino, ainda no ventre da sua mãe, Santana, estava destinado a receber o nome do pai: Januário. Porém, na hora do seu nascimento, Januário estava nervoso com a chegada do filho e, tentando se acalmar, correu para o quintal da sua casa para tomar ar fresco. Ao mesmo tempo em que ouviu o primeiro choro do bebê, avistou uma estrela cadente muito brilhante que iluminou o céu. Então, Januário pensou logo que aquela luz reluzente era um aviso divino. Foi quando decidiu que aquela criança deveria ter um nome que traduzisse toda aquela luz. E, assim, o menino recebeu o nome de Luiz.

Luiz cresceu e transformou-se em um menino muito arteiro. Devido às suas peraltices e por ser um pouco barrigudinho era conhecido como “Moleque Sambudo”, um apelido muito usado no nordeste daquela época.







O menino tinha uma vida simples, mas era feliz, gostava de brincar, dançar e cantar. Mas o que o moleque sambudo mais adorava era escutar o seu pai Januário tocar a sua sanfona. De tanto admirar o toque da sanfona, Luiz ainda cedo aprendeu a tocar. Quando o pai tocava, ele sempre interrompia o trabalho do pai e pedia:

– Pai, toca aquela música para mim. Eu posso pegar a sua sanfona agora?

– Eu já falei, Luiz, que agora não posso parar! Só depois que eu terminar meu trabalho – respondia Januário.



Quando Januário deixava o filho pegar o desejado instrumento, ele começava a tocar, abrindo um sorriso tão luminoso, quanto o daquela estrela cadente que brilhou no céu no dia do seu nascimento.





Muitas vezes ele ficava horas brincando com aquele instrumento, viajando com os acordes mágicos e acabava se esquecendo de levar o almoço do pai, no roçado, deixando dona Santana aborrecida.



Certa vez, Luiz foi levar a comida do pai e avistou, num canto, a sua sanfona. Januário, que tinha sido contratado para animar uma festa naquela noite, havia levado o instrumento para afinar nos intervalos do seu roçado. Luiz abraçou a sanfona e começou a dedilhar. De olhos fechados, sonhando com aquele encantado som, não percebeu que, bem perto dali, a sua mãe estava lavando roupa na beira do rio. Santana vendo aquela cena, chateada, devagarzinho se aproximou, puxou a orelha de Luiz e falou:


– Luiz, eu já disse que não quero ver você com a sanfona do seu pai. A comida esfriando, e você aí brincando de tocar. Ah, moleque teimoso!





Mas o que a mãe de Luiz não sabia era que aquela teimosia faria o seu menino tocar melhor a cada dia. Santana, certamente, depois se renderia ao encantamento daqueles acordes tão bem tocados. Assim, seria comum a família e a vizinhança se reunir, no quintal de sua casa, para saborear a melodia desenhada pelas mãos do pequeno artista.





A sua fama de menino tocador correu as regiões vizinhas e Luiz seria convidado para tocar junto com o seu pai em feiras, bailes e forrós. A reputação de Luiz foi crescendo de tal forma que quando ele passava pelas ruas das cidades de Exu, Crato e Juazeiro as pessoas apontavam e falavam:

- Olha! Lá se vai o Luiz de Januário.
- Vejam, aquele não é o menino sanfoneiro?



Januário ficava orgulhoso do talento herdado pelo filho, e o coração de Luiz batia no ritmo da sanfona ao ver o pai tão feliz. E foi assim que, de “moleque sambudo”, Luiz se transformou no “menino sanfoneiro”. A sanfona era a sua maior companheira, alegrando as pessoas e, principalmente, o seu humilde coração.

O tempo passou e Luiz, o menino sanfoneiro, agora já não era tão menino nem pequeno. O mundo resolveu, então, convidá-lo para revelar o seu talento. As suas músicas saíram das terras nordestinas, correram o Brasil e voaram junto com a “Asa Branca”, para fora do país, alcançando lugares muito, muito distantes.





O menino sanfoneiro virou gente grande, com nome de gente grande: Luiz Gonzaga. Recebeu até título pomposo... era Luiz, a majestade, o Rei do Baião! E no seu reinado, cantou, para todo mundo, a vida da gente simples e querida de seu sertão, “guardando recordações das terras onde passou, andando pelos sertões e dos amigos que lá deixou...”



Assim, quando Luiz voltava para o nordeste,
as pessoas apontavam e falavam:

- Vejam, lá vem o Luiz Gonzaga.
- Olha, lá vem o nosso Rei do Baião!

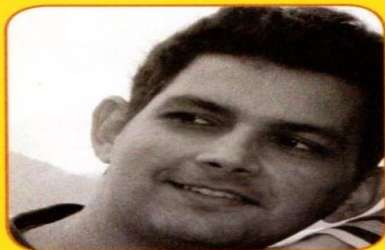


Essas palavras soavam com orgulho do talentoso sanfoneiro que disseminou a cultura do seu povo em outras terras. No coração cheio de saudade daquele Rei, ainda morava o pequeno moleque sambudo, a sonhar com o toque de sua sanfona, no desejo de alegrar as pessoas e ganhar o mundo, como o luar que alumia a vida modesta do sertão.



Ana Maria de Carvalho Barbosa Teixeira

Olá, pessoal! Eu nasci na cidade de Fortaleza e cursei as séries iniciais na escola pública. Além dessa história, já escrevi vários poemas. Desde criança gostava de ouvir e contar histórias. Antes mesmo de saber ler e escrever, eu mergulhava nas imagens de um livro e sonhava morar em cada página. Na verdade, viajava dentro dos livros. Quando eu comecei a ler, as minhas viagens ficaram bem mais encantadoras, pois desenhava na imaginação lugares e personagens fantásticos. Escrever histórias também proporciona percorrer um mundo mágico, mas não faço essa jornada sozinha, pois tenho o leitor como parceiro dessa caminhada. Vocês estão convidados para viajarem comigo nesse universo repleto de encantos.



Erico Gondim

Érico Gondim é um artista visual de Fortaleza-CE, fascinado com a experimentação, trabalhos manuais, gráficos e tridimensionais. No Ceará, tem trabalhado frequentemente com design social junto a comunidades artesanais de onde se inspira em muitas referências para suas criações. Ele gosta de se inspirar nas formas da natureza, na observação do cotidiano da cidade e em grades artistas que fazem da arte uma forma de colorir a vida.

Ilustrar é uma das atividades que o artista gosta de expressar seu interesse pelas cores, pelas formas, pelas texturas, podendo ser aplicadas na representação de grandes histórias como é a deste livro.

Apoio



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Realização



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



O Governo do Estado do Ceará desenvolve, com os seus 184 municípios, o Programa de Aprendizagem na Idade Certa – MAIS PAIC, com o compromisso de garantir e elevar a qualidade e os resultados da educação de suas crianças e seus jovens.

Publicada pela Secretaria da Educação do Estado, através do MAIS PAIC, a Coleção Paic, Prosa e Poesia, rica em identidade cultural, reúne narrativas de autores do Ceará que tiveram seus textos selecionados por meio de seleção pública. Esse acervo constitui um estímulo a mais para se ler e contar histórias em sala de aula, garantindo, assim, um letramento competente.

ISBN 978-85-8171-207-9



9 788581 712079